



## Talking about human formation at the interface with identity and difference

### Discutindo a formação humana na interface com a identidade e a diferença

### Discutir la formación humana en la interfaz con la identidad y la diferencia

Germinio José da Silva Junior<sup>1</sup> , Denise Aparecida Brito Barreto<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

#### **Autor correspondente:**

Germinio José da Silva Junior  
E-mail: germiniojr@gmail.com

**Como citar:** Silva Junior, G. J., & Barreto, D. A. B. (2021). Talking about human formation at the interface with identity and difference. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 2(1), e12781. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks2112781>

#### **ABSTRACT**

This paper want to discuss and to present reflections on human formation, on the matter of identity and difference, in a school curriculum that seeks not only professional training for the capitalist labor market, but also the socialization and subjectivation of the individual. This is a bibliographical study, a dialogue with the concepts of Cestari (2014), Severino (2006), Biesta (2012) and Silva, (2001; 2014). The provocations established in this work are not intended to elicit ready-made solutions, but rather to point out reflections on the educational objectives regarding the formation of the being, permeated by identity and difference. What is proposed in this space is to provoke cogitations that enable everyone involved in education to think and rethink their actions and practices at educational matter.

**Keywords:** Human formation. Identity. Difference. Education.

#### **RESUMO**

O presente texto objetiva apresentar reflexões acerca da formação humana, sobre a égide da identidade e da diferença, em um currículo escolar que busque não apenas a formação profissional para o mercado mas, também, a socialização e subjetivação do indivíduo. Trata-se de um estudo bibliográfico, um diálogo com os conceitos de Cestari (2014), Severino (2006), Biesta (2012) e Silva, (2001; 2014). As provocações assentadas neste trabalho não têm o intuito de suscitar soluções prontas mas, sim, de pontuar reflexões acerca dos objetivos educacionais quanto a formação do ser, perpassado pela identidade e diferença. O que se propõe neste espaço é provocar cogitações que possibilitem a todos os envolvidos em educação (re) pensarem suas ações e as suas práticas.

**Palavras-chave:** Formação Humana. Identidade. Diferença. Educação.

## RESUMEN

---

Este texto tiene como objetivo presentar reflexiones sobre la formación humana, sobre la égida de la identidad y la diferencia, en un currículo escolar que busca no solo la formación profesional para el mercado, sino también la socialización y subjetivación del individuo. Se trata de un estudio bibliográfico, un diálogo con los conceptos de Cestari (2014), Severino (2006), Biesta (2012) y Silva, (2001; 2014). Las provocaciones que se establecen en este trabajo no pretenden suscitar soluciones prefabricadas, sino señalar reflexiones sobre los objetivos educativos en torno a la formación del ser, permeado por la identidad y la diferencia. Lo que se propone en este espacio es provocar reflexiones que permitan a todos los involucrados en la educación (re) pensar sus acciones y prácticas.

**Palabras clave:** Formación humana. Identidad. Diferencia. Educación

## INTRODUÇÃO

---

O ser humano, por natureza, é social. Inicialmente, congregando-se apenas com seus pares igualitários, com o intuito de se fortalecer enquanto quantitativo numérico e como uma identidade coletiva – favorável a sobrevivência e perpetuação da espécie – é com o indivíduo “diverso” e “diferente” que o grupo consegue evoluir enquanto pluralidade melhorada. Quando a diferença é agregada à comunidade, até então composta apenas pela identidade estática, seus membros evoluem, e, conseqüentemente, otimiza o grupo como um todo; justapondo-se, assim, melhor adaptação e plena ascensão enriquecida de saberes, conhecimentos e culturas distintas.

Neste tecido societário, formado por retalhos de ideias, identidades e diferenças, as “partes” amoldam-se ao “todo”, totalizando, assim, uma coligação muito maior que a mera “junção das partes”. A conexão de seres únicos, múltiplos e variados, que são dependentes e correlatos, precisam uns dos outros, para o pleno crescimento dessas micro sociedades grupais; essas interdependências geram atrito! Mas, também, gera transformação pela lapidação, expansão e adaptação pelas novas ideias, maleabilidade e flexibilidade, bem como, progresso social e balanceamento benéfico entre pluralidade e individualidade.

Que o homem seja um ser social, e que este ser seja influenciado pela sociedade (Durkheim, 1975), isto é conhecimento científico, sociológico que, de tanta divulgação, tornou-se conhecimento comum<sup>1</sup>! Também é notório que educação é “[...] necessária ao equilíbrio e harmonia da sociedade, tendo em vista as discrepâncias sociais, eventualmente constituídas” (Silva Junior, 2021a, p. 2).

O que se propõe neste trabalho é pensar sobre a formação humana (Cestari, 2012; 2014; Severino, 2006) ajuizada pelos percursos educativos (Biesta, 2012), que respeitem e proporcionem coexistência da identidade e da diferença (Silva, 2001; 2014), permeados pelos processos de evolução e revolução da sociedade educacional, proporcionando diversidade, pluralidade e desenvolvimento humano.

## DISCUTINDO A FORMAÇÃO HUMANA E A EDUCAÇÃO

---

A sociabilidade humana se completa mediante tácito contrato com o mundo e com o seu semelhante (Cestari, 2012); existe forte influência da comunidade sobre a personalidade do indivíduo as quais produzem interferências diretas e indiretas no que este sujeito pensa, fala e se comporta perante os seus e os outros; tornando, assim, a vida do indivíduo um intenso conflito entre a objetividade individual e a subjetividade coletiva.

A formação da individualidade, perante os processos educativos, apontam para uma dificuldade e algumas ressalvas. O discurso formativo/educativo tem perdido sua

---

<sup>1</sup> Senso Comum aqui se refere aos discursos circulantes, sem, efetivamente, tomar-se como referência elementos propriamente metódico científico.

substancialidade em relação à ideia principal de educação; a de formar o homem como conjunto de potencialidades individuais e coletivas, de crescimento e desenvolvimento humano (Cestari; Duarte, 2014).

O que se tem visto são as ramificações da teia mercadológica, da sociedade capitalista, influenciando o tecido social e evolutivo do ser humano como um todo (Severino, 2006). Este discurso mercantil propicia uma proliferação de outros discursos sobre a educação – seja política, psicológica, consumerista etc. – tornando a finalidade da educação a de adequar o sujeito às exigências políticas, psicológicas, econômicas e não a formação plena do ser.

Segundo Biesta (2012), a educação meramente eficaz não é suficiente<sup>2</sup>; a Educação tem três funcionalidades/finalidades/virtudes. Ei-las: i) de **qualificação profissional**<sup>3</sup>, conhecimento, entendimento, habilidade técnica, restringindo-se à preparação para o mundo do trabalho; ii) de **socialização** que diz respeito as muitas formas pelas quais nos tornamos membros de dado grupo social, a ordem social, cultural e política proporcionado pela educação; iii) de **subjetivação** que é o processo de se tornar um indivíduo – procedimento oposto ao da socialização – que permita o pleno desenvolvimento independente e livre quanto ao pensamento, ação e atitude que o forme como ser humano pleno, emancipado e autossuficiente.

Provações pertinentes (Biesta, 2012) quanto ao objetivo educacional e avaliação educativa enquanto formação humana. Mensuramos o que pretendemos mensurar? Valorizamos o que mensuramos? Educação eficaz para quê? Educação eficaz para quem? O que desejamos para a formação humana? Como queremos que as interações sociais contribuam para a formação do indivíduo? O que constitui uma boa educação em relação ao valor, finalidade e virtudes educativas? São questionamentos, aqui anunciados, com o intuito de germinar ponderações acerca da sociedade e da educação.

Muito mais que desvelar repostas prontas, como receita de bolo, em texto injuntivo, acerca das soluções que salvarão a “pátria amada, Brasil” – principalmente em tempos tenebrosos de ascensão da extrema-direita e suas investidas contra a diversidade, a pluralidade e, em consequência, a formação humana em sua plenitude – o que se propõe é provocar cogitações em indivíduos críticos que possibilitem reflexões sobre a sua ação e a sua prática refletindo sobre os objetivos da Educação enquanto formação humana.

A concepção de formação para a cidadania sempre esteve vinculada ao conceito de educação para a democracia (Severino, 2006). A escola não pode/deve se constituir apenas em um lugar de qualificação profissional para o mercado, ou mesmo para a socialização de molde e performática vinculados ao ser e ao agir. Na comunidade educativa os seres devem ser estimulados a se desenvolverem como seres autônomos e independentes na forma de pensar, agir e conviver em sociedade macro e plural. A escola deve se constituir como espaço propício a subjetivação e a formação da individualidade.

Nesta perspectiva, a educação escolar, formal, não se assenta, apenas, no ensinamento de conhecimento e aquisição de habilidades empregatícias e profissionalizantes. Mas, sim, e também, como práticas sociais para a formação do ser; que ganha corpo com a interação; ou seja, os conhecimentos a serem construídos não podem ser tratados como protótipos isolados, mas aprendizagens socialmente produzidas pelos sujeitos construtores deste processo.

---

<sup>2</sup> Ver mais sobre o assunto em Silva & Francischini (2012); Perez (2012); Costa, Akkari & Silva (2011); Zotti (2006).

<sup>3</sup> Ver mais sobre o assunto em *paper* intitulado *Ensino de inglês em franquias: um olhar educacional sobre os dados, informações e conhecimentos advindos de outra área de conhecimento*, publicado no Seminário Gepraxis, de autoria de Silva Junior (2021b); aprofundar sobre a temática no artigo *O trabalhador de aplicativo de mobilidade urbana sob demanda: recrutamento, seleção e decisão*, publicado na Revista de Administração Unimep (RAU), de autoria de Silva Junior (2021c).

## DISCUTINDO A IDENTIDADE, A DIFERENÇA E A EDUCAÇÃO

Parece difícil pensar em uma educação que não se proponha a proclamar a existência da identidade, da diversidade, da pluralidade e da diferença. Não apenas para servir de base pedagógica, que coloque no seu centro a crítica política da diferença, mas, e principalmente, da formação humana. A diversidade, a diferença e a identidade, muitas vezes são naturalizadas; são tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais os indivíduos devam tomar posição.

Antes de nos aprofundarmos nestes assuntos, buscaremos em Silva (2014) os conceitos de identidade e diferença. A **identidade** é uma positividade que pode se anunciar por uma característica, um traço, uma auto referência – das quais se compõem várias negações ocultas – que são manifestadas pela linguagem (verbal e não verbal); a sentença linguística comunicativa – “sou de esquerda” –, está implícito quanto ao falante – “não sou neutro, ou de direita, ou de centro, ou de extrema-esquerda, ou centro-esquerda, et al”; a identidade é uma sentença afirmativa que expressa aquilo que eu sou, com referência ao que se anuncia em si própria; ainda, a identidade se resvala da linguagem para existir e se propagar (SILVA, 2014).

A **diferença**, em oposição à identidade, é aquilo que não é; perpetua-se, também, pela linguagem e só faz sentido se relacionada com as afirmações de identidade. Tanto a diferença quanto a identidade constituem-se como oposto complementar, em uma relação de interdependência, criadas e propagadas em contexto sociocultural e disseminadas pela discursos que são perpassadas por relações de poder (Silva, 2014).

A discussão sobre identidade e diferença propõe-se a ir além da concepção de igualdade (Silva, 2001; 2014), ou mesmo da percepção do senso comum do multiculturalismo. Aceitar o outro, pautado apenas na compreensão de que as diferenças existem, em uma busca pela equivalência de condições, é reduzir o conceito de diferença a noção comum de equipolência e em consequência extinção das diversas diferenças.

A identidade, e seu oposto complementar, a diferença, estão ligados por sistemas de afirmações representativas. O curricular pedagógico não pode se furtar a este embate evolutivo, posto que a educação escolar se propõe a formação não apenas para a qualificação profissional, mas, também, para socialização e subjetivação do indivíduo, proporcionando, assim, formação humana plena (Silva, 2001).

Mesmo quando a sociedade generalizada tenta ignorar algumas questões e temas pontuais sobre esse "outro" – um gênero, uma cor de pele distinta, uma sexualidade desigual, uma condição estrutural de classe, uma etnia, um corpo não semelhante etc. – em um ambiente educativo, que deve ser múltiplo, descentralizado, difuso e acolhedor da identidade e da diferença, estas questões precisam estar postas.

As justapostas relações entre identidade, diferença e formação humana não podem ser abordadas pelo currículo pedagógico, sem questionarmos quanto às relações de poder, correndo o risco de gerar mais dicotomias como a do “dominante tolerante” e do “dominado tolerado” ou a da “identidade hegemônica mas benevolente” e da “identidade subalterna mas respeitada” (Foucault *apud* Silva Junior, 2011a).

As relações de forças e de poder, exercidas entre indivíduos em uma dada sociedade, tornam-se presentes em contextos identitários polarizados (Foucault, 1986 *apud* Silva Junior, 2011a) e a linguagem é mecanismo de propagação, construção, desconstrução e perpetuação do poder. A identidade e a diferença – sexo, gênero, sexualidade, etnia, classe social et al – como constructo social geram discursos, dentro de um mesmo movimento social, em termos de grupos de interesses e conflitos de força (Silva, 2001; 2014).

A relação social está sujeita a relações de poder que são impostas e não convivem harmoniosamente, lado a lado, mas, sim, em um campo de hierarquias que ensejam as disputas. A exemplo, do Movimento Feminista (MF) original, o do início do século XX, que buscava um fim específico; o mesmo MF, em meados dos anos 1960 e 1970 que se configurou em outras

diretrizes de lutas; e o MF atual, que se reconfigurou em outras pautas de reivindicações mais latentes da sociedade contemporânea. Observamos que todos estas “fases” do MF sofreram interferências do tempo social e foram influenciadas a criarem suas próprias narrativas da história; não descartando a possibilidade de existir atritos, em um mesmo Movimento Social, entre as reivindicações de pauta das integrantes veteranas com as integrantes contemporâneas.

Uma das formas de que a identidade e a diferença coexistam – fatores essenciais para a formação humana – é a reintrodução do indivíduo na sociedade geral, iniciando-se nos processos produtivos econômicos, passando pelo acolhimento no contexto sócio grupal e na possibilidade de auto afirmação, diferente e singular, perante outros indivíduos únicos, mas, que coexistam em sociedade com o intuito de se aprimorarem enquanto seres humanos.

## CONCLUSÃO

---

As conexões e implicações da relação social, permeadas pela identidade e pela diferença, estão correlacionadas – direta ou indiretamente – com a Educação e a formação humana. A identidade e a diferença constituem um fenômeno social e, portanto, precisam estar presentes no currículo educativo.

Para além de se tratar o multiculturalismo no currículo, respeitando a identidade e a diferença, há que se pensar nos motivos que originaram eventuais atritos entre a identidade e a diferença. Tratar somente o “sintoma” que se apresenta, sem se preocupar com a causa se torna trabalho em vão, posto que não se investiga o motivo dos “combates de uma identidade com outras identidades”.

O currículo educacional precisa buscar meios para oferecer aos discentes autonomia da pessoa, desenvolver meios e possibilidades dialógicas com o plural. Posto que, no encontro do “eu” com “o outro” as portas do interlocução precisam estar abertas; estar disposto a ouvir e aprender com o “bárbaro” se faz condição *sine qua non* para o progresso evolutivo do ser humano e a aglutinação de ideias e culturas diferentes.

**CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:** Silva Junior, G. J.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante; Contribuições de Barreto, D. A. B.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante Os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

**CONFLITOS DE INTERESSE:** Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

## REFERÊNCIAS

Biesta, G. (2012). Boa educação na era da mensuração. *Cadernos de Pesquisa*, 42(147), 808-825.

Cestari, L. A. S. (2012). Individualidade e formação humana: Argumentos em favor da educação como um campo próprio de saber. *Educação*, 35(2), 217-224.

Santos Cestari, L. A., & Rocha Duarte, J. R. (2013). Das ideias pedagógicas em favor das diferenças a uma perspectiva filosófica da diferença: orientações baseadas em Deleuze, tarde e Leibniz. *Práxis Educacional*, 10(16), 167-183.

Fernandes Costa, A. S., Akkari, A., & Souza Silva, R. V. (2012). Educação básica no Brasil: políticas públicas e qualidade. *Práxis Educacional*, 7(11), 73-93.

Durkheim, E. (1975). Educação e sociologia. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos.

Argenti Perez, M. C. (2020). Infância e escolarização: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola. *Práxis Educacional*, 8(12), 11-25.

Severino, A. J. (2006). A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. *Educação e Pesquisa*, 32(3), p. 619-634.

Silva, C. V. M. & Francischini, R. (2012). O surgimento da educação infantil na história das políticas públicas para a criança no Brasil. *Práxis Educacional*, 8(12), 257-276.

Silva Junior, G. J. (2021a). Discussões sobre sociedade, educação, currículo, avaliação da aprendizagem e relações de poder. *Ensino em Perspectivas*, 2(2), p. 1-17.

Silva Junior, G. J. (2021b). Ensino de inglês em franquias: um olhar educacional sobre os dados, informações e conhecimentos advindos de outra área de conhecimento. *VIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional de Políticas Públicas, Gestão e Praxis Educacional (Gepraxis)*, Vitória da Conquista-BA, 8(10).

Silva Junior, G. J. (2021c). O trabalhador de aplicativo de mobilidade urbana sob demanda: recrutamento, seleção e decisão. *Revista de Administração Unimep (RAU)*, 19(2) p. 187-203.

Silva, T. T.; Hall, S. & Woodward, K. (2014). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ; Vozes.

Silva, T. T. (2001). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica.

Zotti, S. A. (2017). O currículo no Brasil colônia: proposta de uma educação para a elite. *Práxis Educacional*, 2(2), 115-140.

**Recebido:** 6 de agosto de 2021 | **Aceito:** 22 de setembro de 2021 | **Publicado:** 9 de outubro de 2021



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.